

Florescendo territórios livres agroecológicos: a resistência das mulheres do nordeste brasileiro

Blooming agroecological free territories: women resistance of Brazilian Northeast

Marina Augusta Tauil Bernardo¹, Fernanda Savicki de Almeida²

¹ Doutoranda em Direitos Humanos e Democracia pela Universidade Federal do Paraná. Mestra em Extensão Rural. Pesquisadora e Coordenadora do Projeto Territórios Livres, desenvolvido pela ABA Agroecologia. Brasília, Distrito Federal, Brasil. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-7859-269X> Email: marina.atb@gmail.com

² Doutora em Recursos Genéticos Vegetais, pesquisadora em Saúde Pública da Fiocruz Mato Grosso do Sul. Presidenta da Associação Brasileira de Agroecologia – ABA Agroecologia. Coordenadora do Projeto Territórios Livres, desenvolvido pela ABA Agroecologia. Campo Grande - MS, Brasil. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-4784-6540> Email: fernanda.savicki@fiocruz.br

Recebido em: 28 fev. 2023. Aceito em: 11 out. 2023.

Resumo

Já se sabe que os atuais indicadores convencionais, pautados unicamente no aspecto econômico, ou que o valorizam em detrimento dos demais indicadores, não são úteis para explicar a realidade e apoiar a tomada de decisões a partir dos princípios da Agroecologia. Especialmente quando se trata do trabalho de manutenção dos quintais produtivos realizados pelas mulheres. Nessa perspectiva, objetivo geral deste trabalho foi descrever a construção e a sistematização de indicadores de monitoramento, frutos de um recorte dos resultados do Projeto Territórios Livres, denominados “Flor de Palma Forrageira”, nome da estratégia metodológica que emergiu no âmbito da execução do projeto “Construção de territórios livres”, desenvolvido pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), com o apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil, nos estados da Paraíba e Pernambuco, entre agosto/2021 à setembro/2022. Tais indicadores receberam o nome de “Flor da Palma Forrageira”, dada a importância dessa planta para os quintais e modos de vida das mulheres envolvidas. Elaborados de forma complexa, a partir de uma base teórica da economia feminista e ecológica, os indicadores demonstraram aspectos nos quais a comunidade consegue obter autonomia e liberdade a partir da (re)existência, resiliência e soberania sobre seus territórios e revertem impactos negativos em positivos, ou os minimizam ao longo do tempo.

Palavras-chave: Mulher camponesa, Quintal produtivo, Economia feminista e agroecológica.

Abstract

It's already known that the current conventional indicators based solely on the economic aspect, or that value it to the detriment of other indicators, are not useful for explaining reality and supporting decision-making based on the principles of Agroecology. Especially when it comes to the maintenance work carried out by women in productive backyards. From this perspective, the general objective of this paper was to describe the construction and the systematization of monitoring indicators, the result of a selection of results of the Free Territories Project, called “Flor de Palma Forrageira”, the name of the methodological strategy that emerged within the scope of the execution of the project “Construction of territories free”, developed by Brazilian Agroecology Association (ABA-Agroecologia), with the support of the Heinrich Böll Brazil Foundation, in the states of Paraíba and Pernambuco, between August/2021 and September/2022. These indicators were named “Flor da Palma Forrageira”, given the importance of this plant for the backyards and lifestyles of the women involved. Prepared in a complex way, based on a theoretical basis of feminist and ecological economics, the indicators demonstrated aspects in which the community achieves autonomy and freedom, based on (re)existence, resilience and sovereignty over its territories and reverses negative impacts into positive ones, or minimize them, over time.

Keywords: Peasant woman, Productive backyard, Feminist and agroecological economy.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade constituída a partir da relação de poder estabelecida pelo patriarcado, o qual está enraizado de forma estrutural nas instituições e nas relações cotidianas, historicamente, as mulheres são as grandes responsáveis pelos trabalhos de

cuidado, seja com a terra, com a casa ou com os familiares. Entretanto, mediante as suas práticas agrícolas desenvolvidas nos quintais produtivos, mulheres agricultoras são protagonistas na promoção da Agroecologia, transformando suas realidades e a de seus familiares.

Nesse sentido, o projeto “Construção de territórios livres: mulheres e seus quintais produtivos no combate ao uso de agrotóxicos e referência da Agroecologia”, desenvolvido pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), com o apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil, floresce em territórios da Paraíba e de Pernambuco, se substancia com o objetivo de identificar o impacto dos agrotóxicos sobre a vida das mulheres rurais sob diferentes prismas, além de valorizar os seus modos de vida e o seu papel no enfrentamento ao agronegócio e também na promoção e no fortalecimento da Agroecologia.

A localização geográfica da pesquisa desenvolvida foram os territórios inseridos na área rural da Mesorregião do Agreste Paraibano, na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, região tomada pela produção convencional de hortaliças, baseada no uso maciço de agrotóxicos. Além de outras duas localidades no estado de Pernambuco: a área rural da Mata Norte Pernambucana, que possui uma das maiores tradições do monocultivo de cana-de-açúcar no país – instaurado desde o período colonial e que levou esse Estado a ser o maior produtor nacional até a década de 1950 –, e uma área periurbana, de ocupação, localizada no Município de Paulista, na mesorregião metropolitana de Recife.

Fruto da execução do Projeto, destaca-se a plasticidade das mulheres para a organização social coletiva, engajando diversas categorias – camponesas, artesãs, artistas populares, pesquisadoras, professoras, estudantes – na execução de ações coletivas permanentes e amplas. E, nessa perspectiva, o objetivo geral desse trabalho foi o de descrever a construção e a sistematização de indicadores de monitoramento, frutos de um recorte dos resultados do Projeto Territórios Livres, denominados “Flor de Palma Forrageira”, nome da estratégia metodológica que emergiu no âmbito da execução do projeto “Construção de territórios livres”, desenvolvido pela ABA-Agroecologia, com o apoio

da Fundação Heinrich Böll Brasil, nos estados da Paraíba e Pernambuco, entre agosto/2021 à setembro/2022.

Como primeiro objetivo específico, o presente estudo tem como proposta realizar uma descrição e uma análise da construção dos indicadores de monitoramento da Flor de Palma Forrageira, considerando que esse processo culminou em um produto extremamente rico e robusto, contendo indicadores que pretendem olhar para os quintais, e para as mulheres, de uma forma mais complexa e cuidadosa. Além disso, pretende-se aprofundar a análise de aspectos que vão além dos socioprodutivos, ecológicos e ambientais, culturais e de saúde, mais frequentemente utilizados, incluindo abordagens agroecológicas com bases interseccionais, as quais ainda são muito incipientes nas publicações agroecológicas.

Como segundo objetivo específico, busca-se demonstrar a compreensão coletiva resultante do diálogo e do intercâmbio de saberes entre a equipe do projeto, as parcerias estabelecidas e as sujeitas envolvidas, na tentativa de traduzir aspectos culturais, sociais e coletivos coletados em informações objetivas, de modo a sistematizá-los em indicadores de monitoramento aqui denominados “Flor de Palma Forrageira”.

Diante desse contexto, o trabalho está estruturado em quatro partes. Em um primeiro momento, apresentam-se os resultados, como frutos, da execução do Projeto Territórios Livres. Posteriormente, evidenciam-se os procedimentos metodológicos e, na sequência, o artigo pretende convidar o/a leitor(a) para conhecer os indicadores de monitoramento Flor de Palma Forrageira, mediante dos tópicos: Construção dos Indicadores de Monitoramento Territórios Livres e a Flor de Palma Forrageira; e a (Re)existência de Territórios Livres. Por derradeiro, elucidam-se os indicadores de monitoramento do Projeto Territórios Livres e, por fim, as considerações finais e referências.

FRUTOS DO PROJETO TERRITÓRIOS LIVRES

Entendendo que os estudos das práticas agroecológicas, especialmente numa perspectiva feminista e solidária, exigem bases científicas e metodológicas que superem as limitações da ciência cartesiana hegemônica, foi imprescindível para nós que as bases

teóricas e metodológicas usadas nesse projeto, na sua segunda fase, priorizassem abordagens participativas decoloniais, feministas, antirracistas e antiLGBTQIA+fóbicas. A pesquisa-ação foi realizada entre setembro de 2021 a setembro de 2022, nos estados da Paraíba e Pernambuco.

O Projeto trilhou sua execução atuando em quatro frentes de ações: a) Metodológica, cujos produtos foram a construção de um modelo de sistematização, análise e monitoramento de indicadores participativos e a produção de um documento com os resultados dessa sistematização, o qual está em elaboração; b) Formativa: mediante a elaboração de um plano permanente de formações locais a partir das temáticas coletivas de maior interesse, as quais foram articuladas com parcerias locais, de modo que foram viabilizadas oficinas, rodas de conversa, dias de campo, seminários virtuais e presenciais, entre outros; c) Divulgação Científica: a partir da elaboração e submissão de trabalhos científicos para eventos nacionais e internacionais, bem como a organização e a participação em eventos presenciais e virtuais e, por fim, d) Anúnciação: a construção de textos que discorrem sobre as histórias de vida das mulheres entrevistadas. Ressalta-se que estes textos já foram devidamente elaborados e estão sendo transformados em um e-book, a ser lançado ainda em 2023. Além disso, versões mais sucintas de cada história de vida estão sendo divulgadas nas redes sociais do “Projeto Territórios Livres”, da Associação Brasileira de Agroecologia e da Fundação Heinrich Boll¹.

Nos estados da Paraíba (PB) e Pernambuco (PE), cujas atividades já estão avançadas, a demanda das agricultoras seria a comercialização de seus produtos, portanto, as ações do Projeto se desdobram de modo a construir canais de venda para a produção agroecológica advinda dos quintais produtivos. Resultando, portanto, na inauguração de três “Espaços Agroecológicos Território Livre”: um deles na principal praça de Campina Grande e dois nas dependências do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), *campus* Vitória de Santo Antão e Paulista. Faz-se importante apontar que foram realizadas articulações com os poderes públicos municipais, de modo a possibilitar a

1 @mulhereseterritorioslivres; @aba.agroecologia; @bollbrasil.

realização de feiras na Praça da Bandeira – PB, e a disponibilização de transporte para as agricultoras para esse espaço, assim como para os *campi* do IFPE.

Como registro, aponta-se que os resultados do Projeto foram apresentados em oficinas virtuais, tais como: “(Atividade autogestionada) Agrotóxicos e Agroecologia: uma proposta de (in)formação, mobilização e sensibilização” que ocorreu V Encontro Nacional de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, organizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN) e pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); a oficina “Territórios Livres de Agrotóxicos: Mulheres, Quintais Produtivos e Agroecologia” no V Seminário de Agroecologia e no IV Seminário de Educação do Campo do IFPE. Como também, na *live* “Combate à violência de gênero: da cidade ao campo”, organizada e transmitida pelo canal do YouTube da Organização das Nações Unidas (ONU) Habitats. Ademais, ocorreu a organização e a realização da Formação *on-line* “Construção de Territórios Livres”, oportunidade em que foram apresentados os resultados por meio dos canais de mídias da ABA-Agroecologia.

Presencialmente foram realizadas oficinas locais específicas para devolutivas do Projeto, além da realização do seminário presencial “Construção de Territórios Livres”, com a participação de agricultoras da Paraíba e de Pernambuco – além de parceiras, parceiros, colaboradoras e colaboradores do projeto. O evento ocorreu no município de Glória do Goitá – PE situado na região da zona da mata no Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), o qual possibilitou o intercâmbio, a troca de experiências e a apresentação dos resultados para as agricultoras envolvidas no Projeto, além de promover o aprendizado de tecnologias sociais.

Promover e fortalecer quintais produtivos é destacar espaços de manifestação de outro modo de vida. De forma agroecológica, as mulheres constroem sistemas agroalimentares sustentáveis carregados de ancestralidade e de conhecimentos tradicionais, os quais são manifestados através de suas organizações e manejos escolhidos quanto ao modo de produzir e cultivar. Desse modo, longe de esgotarmos os frutos que poderíamos apresentar como os resultados do Projeto, evidenciamos o reconhecimento desses espaços como territórios de exercícios de direitos e resiliências,

pois são nesses espaços que as agricultoras conseguem exercer sua autonomia ambiental, cultural, social, econômica e política.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada foi a realização de uma pesquisa descritiva com abordagem quali-quantitativa, com o objetivo de descrever a construção e a sistematização de indicadores de monitoramento, frutos de um recorte dos resultados do Projeto Territórios Livres, denominados “Flor de Palma Forrageira”. Com uma estratégia metodológica participativa, emergente do projeto “Construção de Territórios Livres”, desenvolvido pela ABA-Agroecologia, com o apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil, nos estados da Paraíba e Pernambuco, entre agosto/2021 à setembro/2022. A opção por tal método decorre da necessidade de apresentar e descrever os fatos e fenômenos das realidades estudadas, bem como explorar suas dimensões (Triviños, 1987).

De modo a apontar os caminhos percorridos pela pesquisa, o critério de seleção dos indicadores de monitoramento foi o de análise do maior número de repetições de termos e falas, elencadas a partir dos dados sistematizados, frutos de 51 entrevistas realizadas com agricultoras – entre assentadas da reforma agrária e agricultoras familiares, da Paraíba (região do perímetro irrigado, região de Boqueirão e do Polo da Borborema) e 12 de Pernambuco (em território impactado pelas lavouras de cana-de açúcar da Mata Norte) –, além de 15 mulheres de uma ocupação urbana localizada em Paulista, região metropolitana de Recife – PE.

Inicialmente foram realizados contatos com coletivos que já realizam ações em prol da Agroecologia nos territórios, como o Grupo de Trabalho Mulheres da ASA, o IFPE, a Comissão Pastoral da Terra (CPT)/PE, a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) Ceará e o Núcleo de Extensão Rural Agroecológico (NERA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), estabelecendo parcerias estratégicas à realização do trabalho. Realizada a indicação de mulheres e de quintais produtivos, foram realizados encontros presenciais nos territórios e, posteriormente, visitas às mulheres e seus quintais, para a coleta de dados. A partir de uma articulação conjunta, foram realizados levantamentos e mapeamentos de 25 quintais agroecológicos protagonizados por 26 mulheres na Paraíba

e mais 10 quintais cuidados por 15 mulheres na zona da mata pernambucana, além de um quintal coletivo mantido por 15 mulheres em uma ocupação urbana localizada em Paulista, região metropolitana de Recife – PE.

Foram realizadas visitas a todos os quintais produtivos na área rural, sempre com a reserva de um turno do dia para cada espaço pesquisado. A princípio era realizada a explicação do Projeto, seguido de um momento para o esclarecimento de dúvidas e, finalmente, o pedido de assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, além do Termo de Autorização para uso de imagem e som de voz. Posteriormente, – à escolha da agricultora –, a entrevista era realizada na própria casa ou em algum espaço do terreno, antes ou após a visita guiada ao quintal. Para a coleta de dados foram realizados diálogos semiestruturados e um diário de campo, bem como a utilização de gravadores e máquinas fotográficas. Finalizadas as visitas aos quintais, foram realizadas novas formações presenciais nos territórios, que visaram, ora suprir demandas apresentadas pelas mulheres – técnicas, de direitos humanos, entre outras –, ora apresentar parcialmente, por estado, os dados coletados.

Importante apontar que a estratégia utilizada na Comunidade XV de Novembro difere da dinâmica utilizada na área rural. Sendo esta uma área de ocupação na região metropolitana de Recife – PE, a atuação da equipe do Projeto ocorreu de modo integrado com as mulheres da comunidade. Voltada para a construção da horta comunitária “Sementeira da Esperança”, em um espaço coletivo articulado juntamente com a Marcha Mundial de Mulheres, e por um projeto desenvolvido por docentes e discentes do IFPE – *campus* Vitória de Santo Antão e Paulista e da Universidade Rural Federal de Pernambuco (UFRPE), foram realizados multirões, formações e visitas às casas das mulheres, momento no qual foram realizadas as entrevistas.

Considerando que o delineamento da pesquisa considera especialmente a visão do grupo focal, atuação importante segundo Charlesworth e Rodwell (1997), foram utilizados mecanismos de análise do discurso para a construção e sistematização dos indicadores de monitoramento, denominados “Flor de Palma Forrageira”, aqui descritos. E, nesse sentido, segundo, Rita Caregnato e Regina Mutti (2006, p. 683), esse tipo de análise “trabalha com o conteúdo, ou seja, com a materialidade linguística através das

condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação”. Fruto dessa construção participativa, entre sujeitas da pesquisa e pesquisadoras, tais indicadores tornam-se importantes ferramentas para a construção dos indicadores, para a realização do monitoramento e para a promoção da Agroecologia, tendo as mulheres como pilares fundamentais dessa promoção.

INDICADORES DE MONITORAMENTO “FLOR DE PALMA FORRAGEIRA”

Construção dos Indicadores de Monitoramento e Territórios Livres

O termo “Indicador” origina-se do latim "indicare", verbo que significa apontar. Deponti *et al.* (2002, p. 44), entende como indicador “um instrumento que permite mensurar as modificações nas características de um sistema”. Entretanto, diante da leitura da realidade das mulheres, proposta do Projeto Territórios Livres, há características importantes a serem consideradas na definição dos indicadores. Desse modo, a partir de uma perspectiva ecofeminista, agroecológica e antirracista, os indicadores quali e quantitativos, elaborados de forma participativa, poderão mostrar em quais aspectos as mulheres conseguem obter resiliência, e como, a partir de resistências, reverterem, ao longo do tempo, um impacto negativo em positivo, ou minimizam as consequências de tais dificuldades.

Importante apontar que a proposta de construção de indicadores visa uma análise que vai para além da dimensão econômica, conectando, de forma interseccional, as dimensões econômicas, sociais e ambientais, com as perspectivas de raça, classe e gênero, que considerem as realidades sociais, os territórios e o tempo das pessoas. Ademais, tal feito potencializará a compreensão da realidade das diversas experiências já identificadas e demonstrará em que pontos a fragilidade incide sobre os territórios, determinando em quais pontos há uma força de anulação ou mitigação do impacto negativo.

Nesse sentido, foi realizada uma estratégia de construção de indicadores de monitoramento, que permitiram avaliar o trabalho realizado pelas agricultoras em seus quintais produtivos, explicar as dimensões que permeiam suas realidades e apoiar a

tomada de decisão a partir dos princípios da Agroecologia. Tendo o feminismo como principal ferramenta de leitura da realidade das mulheres, a construção de indicadores de monitoramento foi realizada ao longo do desenvolvimento do Projeto Territórios Livres de forma participativa com as agricultoras, mulheres residentes na Ocupação XV de Novembro e integrantes da equipe de pesquisa.

Como questionamentos orientadores que permearam a escolha e a definição dos indicadores foram problematizados pelo Projeto os seguintes tópicos: qual o cenário? Quais dados demonstram a gravidade da situação? Que informações são importantes para serem visibilizadas nas diferentes dimensões na concepção das mulheres desde seus territórios? O que é coletivizado? Quais as resistências que essas mulheres produziram para continuar sobrevivendo? Como podemos elaborar propostas de ação para mitigar ou acabar com os impactos causados pelo agronegócio, com base nos princípios da Agroecologia?

As respostas às questões acima, formuladas no momento da propositura de construção do projeto a ser executado, conduziram aos objetivos reais do monitoramento e da avaliação, permeando toda construção dos indicadores que resultaram na “Flor da Palma Forrageira”. Com isso, apresenta-se a sistemática do passo a passo realizado no processo de monitoramento e de investigação aplicada:

1. Levantamento dos Coletivos que desenvolvem ações em prol da Agroecologia nos territórios a ser realizada a pesquisa;
2. Identificação dos público indicados pelos Coletivos;
3. Realização de encontro de sensibilização sobre a temática e exposição das ações a serem desenvolvidas;
4. Construção e aplicação de entrevista semiestruturada conforme o objeto de estudo e do tipo de avaliação a ser realizada;
5. Definição dos conceitos, com base na percepção das mulheres entrevistadas, como: Territórios Livres, Quintais Produtivos, Agrotóxicos, Feminismo;
6. Determinação das características relevantes a serem consideradas para que um quintal produtivo seja considerado um território livre de agrotóxico, segundo os princípios da Agroecologia. Faz-se importante apontar que a dimensão da definição de quintal produtivo vai além do espaço físico propriamente dito, mas este existe como um espaço de resistência.

7. Levantamento de pontos críticos que ameaçam, violam, oprimem e/ou limitam as mulheres no exercício da manutenção dos quintais produtivos, a partir da fala das mulheres entrevistadas;
8. Delimitação das demandas das mulheres entrevistadas, como as necessidades materiais e/ou imateriais relativas a independência econômica, anseios, sonhos, desejos e demais fatores importantes ao fortalecimento e manutenção dos quintais produtivos;
9. Listagem do amplo conjunto de indicadores levantados a partir da coleta e da análise de dados, feitas por meio de sistematização e análise do discurso das respostas dadas, pelas agricultoras e residentes da Ocupação XV de Novembro, durante a aplicação dos questionários;
10. Seleção de indicadores de monitoramento, segundo o critério de maior repetição durante as ações realizadas e a confecção da Flor de Palma Forrageira;
11. Realização de Formação de apresentação da Flor de Palma Forrageira e de uma discussão com as mulheres envolvidas no Projeto Territórios Livres sobre a temática e exposição das ações a serem desenvolvidas.

A Flor de Palma Forrageira e a (Re)existência de Territórios livres

Originária do México, a planta Palma Forrageira possui diversas espécies dos gêneros *Opuntia* e *Nopalea*, ambas da família *Cactaceae*, é uma cactácea forrageira e comestível, bem adaptada às condições adversas das regiões áridas e semiáridas do nordeste brasileiro. Ademais, apresenta aspectos fisiológicos versáteis quanto à absorção, aproveitamento e perda de água, suportando períodos prolongados de estiagem (Santos *et al.*, 2006).

Segundo Barbera (2001), a Palma pode ser utilizada na alimentação humana, na produção de medicamentos, na indústria de cosméticos, na proteção e conservação do solo, em cercas vivas, no paisagismo, dentre outras finalidades. Servida como um alimento nobre em restaurantes e hotéis de luxo de países como o México, os Estados Unidos e o Japão, a utilização da Palma como alimento ainda sofre preconceito no Nordeste brasileiro pois, tradicionalmente, é apenas usada como ração animal (Nunes, 2011; Leite, 2006).



Figura 1. Flor de Palma Forrageira.
Fonte: Rosinete, agricultora paraibana - 2023.

Reconhecida como uma alternativa para a alimentação dos animais ruminantes durante o período de estiagem, essa planta possui uma importante função ecológica, produtiva e de manutenção dos modos de vida das mulheres camponesas nordestinas. Tornando-se responsável por manter as criações animais – especialmente as cabras, mas não somente elas – alimentadas e hidratadas durante o período de seca, seu consumo surte efeito na produção de leite e derivados, de carne e de ovos – produções profundamente importantes na vida das mulheres “sertanejas”². Desse modo, sua importância vai muito além da questão nutricional e econômica, mas passa por cultura alimentar, por ocupação dos territórios, valorização do trabalho, convivência com o semiárido (na maioria dos territórios estudados), saúde popular, acesso a bens comuns, conservação da

2 Consideramos, aqui, o “não-conceito” de Sertão, apresentado por Moraes (2003), que faz uma análise das concepções sertanejas apresentadas, que conferem ao Sertão a ideia de um lugar isolado, desconhecido e vazio. Essas construções conceituais partem, usualmente, da ideia subjetiva do que não é o sertão, ou seja, lugares conhecidos, ocupados, desenvolvidos e próximos – numa ideia de proximidade com a costa, que é igualmente subjetiva. Assim é o trabalho da mulher, especialmente a periférica e a camponesa: invisibilizado, desconhecido, solitário, isolado e desvalorizado.

biodiversidade, entre outra diversidade de dimensões. Porém, as oportunidades de utilização dessa planta, com intuito de melhoria dos índices sociais e econômicos desse espaço geográfico, estão invisibilizadas – do mesmo modo que o trabalho feminino de estabelecimento e manutenção de seus quintais produtivos, historicamente, não é visibilizado, fortalecido e valorizado.

Nessa perspectiva, a escolha simbólica da Flor de Palma Forrageira não ocorreu de forma aleatória, mas sim proposital. Apesar de ter maior incidência na região do Cariri nordestino, território também abrangido pelas ações do Projeto, essa planta está presente nas demais regiões. Desse modo, a representação gráfica da Flor de Palma sistematiza os indicadores de monitoramento, frutos de um recorte dos resultados do “Projeto Territórios Livres”, nome da estratégia metodológica que emergiu desse trabalho intenso com as mulheres dos territórios em questão, mas que expressa, para além da linguagem, aspectos simbólicos, pois possui seu significado associado aos elementos da natureza, da cultura, dos costumes e tradições locais.



Figura 2. Flor de Palma Forrageira Territórios Livres
Fonte: Equipe Territórios Livres - 2022.

Chalhub (1990), afirma que:

Nem só de mensagens verbais vive o ser humano. A linguagem participa de aspectos mais amplos que apenas o verbo. O corpo fala, a fotografia flagra, a arquitetura recorta espaços, a pintura imprime, o teatro encena o verbal, o visual, o sonoro, a poesia – forma especialmente inédita de linguagem – surpreende, a música irradia sons, a escultura tateia, o cinema movimenta e etc (Chalhub, 1990, p.6)

Dessa forma, a arte também expressa os resultados do Projeto a partir de uma perspectiva não-verbal, fazendo jus a toda dimensão e representatividade para além dos códigos de comunicação que são as palavras. Desenvolver uma pesquisa com mulheres representa exatamente isso: compreender que a dimensão do que se propõe a ser estudado vai além do que verbalmente se expressa. Há, portanto, a necessidade de se decolonizar o olhar e compreender que cada mulher vai além do corpo físico, pois o corpo e o território da mulher se entrelaçam como uma “matéria ampliada, superfície extensa de afetos, trajetórias, recursos e memórias” (Gago, 2020, p. 109).

INDICADORES DE MONITORAMENTO DO PROJETO TERRITÓRIOS LIVRES

Com intuito de avaliar os sistemas de cultivos realizados nos quintais produtivos do ponto de vista agroecológico e levando em conta a dimensão das realidades em que as mulheres estão envolvidas, além das histórias de vidas que as permeiam, demonstra-se a necessidade de desenvolvimento de uma abordagem holística (Meyer *et al.*, 1992). Para tanto, se fez necessário considerar indicadores que traduzem ações que vão para além do simples monitoramento do processo de transição agroecológica, para além das proposituras tecnocientíficas. Constatou-se, portanto, que a eficácia se daria a partir da análise de discurso, para construção e sistematização dos indicadores de monitoramento, denominados “Flor de Palma Forrageira”, aqui descritos.

Seguida a construção de uma lista do amplo conjunto de indicadores, foi realizada a seleção destes, segundo o critério de maior repetição durante as atividades realizadas para esse fim. Expressas como um código de comunicação, os indicadores de monitoramento sistematizados foram: Economia, Ambiental, Biocultural, Saúde/Qualidade de vida e História/Memória. Desses indicadores principais, derivam

indicadores de segunda ordem que conectam esses indicadores principais e preenchem as pétalas dessa flor poderosa. É importante ressaltar que todos os indicadores foram estabelecidos e são analisados a partir das interseccionalidades que permeiam a vida dessas mulheres, o que interfere diretamente na qualidade destes.

Desse modo, a partir de uma perspectiva ecofeminista e agroecológica, tais indicadores demonstram resultados para além das palavras que expressam. Estabelecida como um indicador, a Economia aqui proposta, foge aos atuais indicadores convencionais, os quais têm apenas o aspecto econômico como centro, pois estes não são úteis para explicar a realidade e apoiar a tomada de decisão a partir dos princípios da Agroecologia. Como é possível observar na fala de uma agricultora paraibana sobre a importância das trocas solidárias e do compartilhamento de frutas *in natura*, como o umbu e a acerola, que realiza com a vizinhança: “o quintal é uma fonte de renda para minha família, a gente come, vende e dá”.

Buscar a independência financeira em nossa sociedade em que a relação de poder colonial e patriarcal está enraizada de forma estrutural nas instituições e nas relações cotidianas (Biroli, 2018), é fundamental para mulheres, mas não a qualquer custo. O ganho material deve decorrer do aprimoramento de seus sistemas de produção, iniciando um processo de melhoria da situação socioeconômica e promovendo o desenvolvimento rural sustentável. Assim, podemos observar nas palavras de uma das agricultoras paraibanas, quando esta afirma que “o quintal é uma oportunidade de vida melhor, porque eu acho assim, que quem trabalha por si próprio é diferente de quem trabalha para os outros”, complementado pela fala de outra agricultora pernambuca que afirma que “a gente come com muita fartura”, enquanto abre a porta de casa para apresentar o seu quintal.

Para tanto, diante da demanda de comercialização de seus produtos, as ações do Projeto se desdobram de modo a construir canais de venda para a produção agroecológica advinda dos quintais produtivos, resultando, portanto, na inauguração dos “Espaços Agroecológicos Território Livre”. Entretanto, não se trata somente de um canal de escoamento de produtos, mas na materialização do indicador Biocultural. Além do comércio de produtos, ocorre a promoção de troca de saberes entre as agricultoras, a

comunidade acadêmica e as demais consumidoras e consumidores, além de outras pessoas interessadas; e a promoção de momentos culturais com participação de grupos musicais locais, peças teatrais, recitação de poesias e comercialização de livros.

Também relativo à questão econômica, é importante apontar as práticas de escambo e as doações de produtos realizadas pelas agricultoras – algumas características da economia feminista e circular –, quando estas afirmam que as realizam frente aos produtos decorrentes da produção agrícola e beneficiada, como mudas e sementes, dentre outros produtos. Tais ocorrências, invisibilizadas pela economia dominante, fortalecem a integração de forma coletiva das mulheres, o que quebra a lógica individualista e capitalista que separa o ser humano da natureza, e que perpetua o conceito de que a riqueza se expressa pelo acúmulo monetário (Porto-Gonçalves, 2006). Como demonstra uma agricultora ao contar que “quando eu fui para a feira pela primeira vez eu me senti lá embaixo, por exemplo, aí depois eu fui gostando, foi um sonho que eu nem sabia o que era uma feira”.

“É onde você pode ter uma diversidade de alimentos desde o plantio de hortaliças, à criação de pequenos animais, é onde tem a nossa fonte essencial de alimentação e bem-estar”, afirma uma agricultora pernambucana, respondendo a questão sobre o que para ela seria seu quintal produtivo, o que anuncia o indicador Ambiental como referência a um território livre sustentável. Ademais, uma outra agricultora paraibana revela seu descontentamento em razão da contaminação do ambiente, causado por uma ação vinda da vizinhança, pois:

O meu vizinho tinha plantado tomate com muito veneno e, basicamente, quase todos os dias o veneno vinha para cá, eu sentia, a gente fechava todas as portas, mas o vento vinha. Fiquei muito triste, porque aquele vento que estava vindo para cá, estava contaminando a minha produção e a gente não podia fazer nada (Agricultora paraibana).

Faz-se importante apontar o indicador Ambiental relacionado-o ao indicador Economia, proposta que se materializa na perspectiva de desenvolvimento promovida pela Agroecologia. Nessa perspectiva, pode-se observar, mediante o relato das mulheres após o início da comercialização nos Espaços Agroecológicos Territórios Livres, que houve mudanças em relação à produção, resultando em um aumento quantitativo da

produção, mas principalmente na diversificação de produtos. Como aponta Maria Emília Pacheco (2009, p. 46), “as mulheres sempre assumiram um papel de destaque na promoção da Agroecologia [...] [por possuírem] [...] uma leitura diferenciada da agricultura” e promoverem a diversificação da produção, contribuindo com a conservação da biodiversidade e a preservação ambiental.

Na perspectiva do indicador Biocultural, notou-se a preocupação com os bens comuns de forma intrínseca, pois a justificativa remete à necessidade de sua preservação e à permanência nos territórios. Como é o caso do acesso à água a partir da existência de reservatórios nas propriedades, assim como a utilização, ou a necessidade de implementação de tecnologias de reuso de água. Nesse sentido, é fundamental para o desenvolvimento de pesquisa a consideração do conhecimento local (Richards, 1995), o que só pode ser expresso por quem tem a real capacidade de fazê-lo. No caso, as mulheres inseridas em seus territórios.

Como podemos observar a partir da fala de uma agricultora paraibana:

O quintal da casa em relação à agricultura familiar é o lugar que a gente tem uma diversidade de culturas. É o ambiente que você pode conservar ele para germinar as sementes. Um exemplo, eu tô na cozinha, aí eu corto um pimentão e jogo a água das sementes e do tomate, quando chove, nasce uma diversidade. Para quem é mãe, é uma forma de educar os seus filhos, a criança vê a semente quando germina, aí vê o pezinho de milho crescendo, assim, é uma forma de você mostrar para ele a importância da agricultura (Agricultora paraibana).

Mensurar a questão do indicador Saúde/Qualidade de vida torna-se um desafio diante da particularidade e singularidade de cada mulher inserida no Projeto. Entretanto, o conhecimento trocado quanto a esse aspecto pode ser mensurado. Em todas as ações, coletivas e individualizadas, foram abordados assuntos relativos aos indicadores construídos, principalmente quanto aos aspectos da produção com uso de agrotóxicos e os impactos que os biocidas causam na vida das mulheres. Ademais, foram apresentadas possíveis técnicas de diversificação, conservação da diversidade biocultural e demais princípios agroecológicos, reforçando a bandeira de que a Agroecologia promove Saúde. Atividades que envolveram o intercâmbio entre as mulheres – de conhecimentos, de histórias e de agrobiodiversidade –, deram visibilidade às suas práticas e

conhecimentos desenvolvidos em seus quintais produtivos, ressaltando a importância do diálogo participativo como instrumento de fortalecimento de estratégias coletivas e resiliências territoriais (Philippi e Malheiros, 2012).

Ainda sobre o aspecto do indicador da Saúde/Qualidade de vida, é importante apontar as múltiplas dimensões da saúde. De acordo com o conceito da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1948), divulgado na carta de princípios de 7 de abril de 1948, “saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”, de modo que, identificar esse indicador de monitoramento é entender que aqui se expressa o cuidar além da ausência de doença, mas da “capacidade de lutar contra tudo que nos oprime, inclusive a doença” (Tavares, 2010, p. 02). Como uma das agricultoras interpreta os significados de seu quintal que, em suas próprias palavras, significa “o espaço da vida, de restaurar as energias e as forças. É um espaço onde eu posso me encontrar, porque lá fora a gente aprende a escutar o outro e aqui eu consigo me ouvir”.

Segundo Federici e Valio:

Ao desafiar as forças destrutivas do capitalismo, do patriarcalismo e da destruição ecológica, as mulheres estão construindo novas formas de existência que rejeitam a lógica de mercado e as políticas mais recentes sobre a reprodução da vida cotidiana, canalizando o poder das relações afetivas que tradicionalmente caracterizaram a esfera doméstica na produção da solidariedade social. (Federici; Valio, 2020, p.3)

Nesse sentido, entender o quintal produtivo como instrumento de manutenção da saúde, seja física ou mental, é compreender que este se trata de um ambiente de produção de comida limpa e livre de biocidas, mas também como um espaço de exercício do ócio criativo, do lazer, do exercício da autonomia e de direitos. Tratar de territórios livres não se refere apenas ao espaço físico, mas também à liberdade dos territórios do corpo e da mente. Ter o direito à tomada de decisão sobre o quê, quando, onde, como, para quem e para quem plantar é alcançar um grau de liberdade e autonomia que a maioria das mulheres ainda não possui. “Decidir como me alimentar e alimentar a minha família” é a expressão de liberdade relatada por um agricultora paraibana.

Para o indicador História/Memória e seus derivados, a história de vida relatada e registrada de cada uma dessas mulheres e a relação de suas histórias com seus quintais, foram a maior expressão. O desejo de dar continuidade ao processo de mudanças no que diz respeito à Agroecologia, ao fortalecimento e à manutenção dos seus quintais produtivos, foram motivações intensamente apontadas pelas mulheres. Como podemos observar na fala de uma da agricultora pernambucana refletindo sobre o que gostaria de deixar como herança aos filhos, observa-se o seguinte:

Quando eu for embora daqui, quero deixar isso aqui tipo, fundado para que meus filhos vivam mesmo e sobrevivam daqui. Tenho visto muitos sítios em que os pais, avós fundaram ali e foram construindo, construindo e quando partiram, quer dizer, ficaram as lembranças, mas ali ficou erguido um suporte para que a família se mantenha ali (Agricultora pernambucana).

Por derradeiro, podemos apontar que a falas das mulheres foram fundamentais para se verificar a força e a potencialidade da produção dos quintais produtivos, das ameaças e das efetividades do avanço do agronegócio nos territórios, porém estes são fatores sobre os quais elas não têm controle (Verdejo, 2006). Ressalta-se aqui os relatos das mulheres da Ocupação XV de Novembro. Invariavelmente a história delas se mistura ao processo de expulsão de suas famílias, e delas mesmas, dos locais onde nasceram e cresceram, em decorrência do impacto do Agronegócio. Desse modo, a construção e a sistematização participativa de indicadores de monitoramento, tornam-se importantes ferramentas para a promoção da Agroecologia, tendo as mulheres como pilares fundamentais nessa promoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fortalecer quintais produtivos é destacar espaços de manifestação que possibilitam um outro modo de vida e uma outra forma de dinâmica de reprodução social. De forma agroecológica, as mulheres constroem sistemas agroalimentares sustentáveis, carregados de ancestralidade e de conhecimentos tradicionais, manifestados mediante suas tomadas de decisões e autonomia organizacional e produtiva. São aspectos políticos e culturais permeados de significados, objetivos e subjetivos, que constroem concepções de saúde que vão além dos conceitos definidos. Tornam-se, portanto,

territórios de exercícios de direitos, de (re)existências e resiliências, pois é nesses espaços que as agricultoras conseguem exercer suas autonomias ambiental, cultural, social, econômica e política.

Como forma de fortalecer essas ações e incentivar a autonomia plena dessas mulheres – o que passa pela economia –, emergem espaços de comercialização, que possibilitam o diálogo com diferentes sujeitos e sujeitas, fomentam a prática coletiva e criam territórios saudáveis, que nascem em seus corpos, e vão além das cercas de suas propriedades.

Nesse sentido, é fundamental a construção participativa de estratégias de fomento à Agroecologia como ciência, prática e movimento ecofeminista, antirracista e antiLGBTQIA+fóbica, que passam por políticas públicas de fomento aos quintais produtivos e o fortalecimento das mulheres.

Copyright (©) 2023 Marina Augusta Tauil Bernardo, Fernanda Savicki de Almeida

REFERÊNCIAS

- BARBERA, Guiseppe. **História e importância econômica e agroecologia**. In: BARBERA, Guiseppe; INGLESE, Paolo (Eds.). *Agroecologia, cultivos e usos da palma forrageira*. Paraíba: SEBRAE/PB, 2001. p.10-11
- BIROLI, Flávia. **Autonomia e Desigualdades de Gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática**. Vinhedo: Editora Horizonte. 208p.
- CAREGNATO, Rita C.A.; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.
- CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. 64p.
- CHIACCHIO, Francisco P.B.; MESQUITA, Augusto S.; SANTOS, Jucimara R. Palma forrageira: uma oportunidade econômica ainda desperdiçada para o semiárido baiano. **Bahia Agrícola**, v.7, n.3, p.39-49, 2006.
- DEPONTI, Cidonea M.; ECKERT, Córdula; AZAMBUJA, José Luiz B. **Estratégia para construção de indicadores para avaliação da sustentabilidade e monitoramento de sistemas**. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, v. 3, n. 4, p. 44-52, 2002.
- GAGO, Verónica. **A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020, 256p.

- MORAES, Antonio C.R. O sertão. Um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, v. 5, n. 4, p. 01-09, 2003.
- NUNES, Cleonice S. Usos e aplicações da palma forrageira como uma grande fonte de economia para o semiárido nordestino. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 6, n. 1, p. 8, 2011.
- OMS. **Atas oficiais da Organização Mundial da Saúde**, nº2, p.100, 1948.
- PACHECO, Maria Emilia L. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.4, p.04-08, 2009.
- PHILIPPI JR, Arlindo; MALHEIROS, Tadeu F. (Eds). **Indicadores de sustentabilidade e gestão ambiental**. Coleção ambiental. v.12, São Paulo: Manole. 2012. 800p.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos V. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 462p.
- SANTOS, Djalma C. *et al.* **Manejo e utilização da palma forrageira (*Opuntia e Nopalea*) em Pernambuco**. Recife: Instituto Agrônomo de Pernambuco, 2006. 48p. (Documentos, 30).
- SCHULTZ, Alarich R. **Introdução ao estudo da botânica sistemática**. 2 ed. Porto Alegre: Livraria O Globo, 1943. 562p.
- TAVARES, Joana. **Saúde é a capacidade de lutar contra tudo o que nos oprime**. Setor de Comunicação, MST - Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra. 2010. Disponível em: www.mst.org.br. Acesso em: 25 de outubro 2022.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, 87p.